

ATUAÇÃO DA OTAN EM CONFLITOS NO SÉCULO XXI: ANÁLISE DA CRISE DA UCRÂNIA EM 2014 NA COBERTURA *WEB* DA teleSUR

Ana Laura Coelho da Silva Heck¹
Domingos de Almeida²
Julie Lemos Bohorquez³
Karen Johanna Bombón Pozo⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma repercutiu na mídia a atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no movimento de anexação da província da Criméia (Ucrânia) pela Rússia em 2014. Considerando esse, um acontecimento marcante nas Relações Internacionais, uma vez que se tem novamente, depois de mais de 20 anos, os protagonistas da Guerra Fria (EUA e Rússia) na linha de frente e em lados opostos de um conflito. A atuação da OTAN é fundamentada a partir da perspectiva e reflexões da teoria Realista e teoria do Poder das Relações Internacionais. Assim, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, levantamento e análise documental e Análise do Discurso (AD), que será aplicada à cobertura *web* da emissora teleSUR, afim de entender a repercussão da interferência da OTAN no conflito.

Palavras-chave: OTAN; Relações Internacionais; Criméia; teleSUR.

Introdução

A atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é fundamentada a partir da perspectiva e reflexões da teoria Realista e teoria do Poder das Relações Internacionais. Com o objetivo de problematizar como a atuação dessa aliança militar, que surgiu quatro anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, passou de conter o avanço da União Soviética a ter uma atuação agressiva e hostil no século XXI. Assim, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, levantamento e análise documental e Análise do Discurso (AD), que será aplicada à cobertura *web* da emissora teleSUR, afim de entender a repercussão da interferência da OTAN no conflito da Ucrânia.

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma repercutiu na mídia a atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no movimento de anexação da província da

¹Assistente Social pela Uniamérica. Acadêmica especial do Programa de Pós-Graduação Integração Contemporânea na América Latina (ICAL) e cursando Especialização de Relações Internacionais Contemporâneas, ambas na Universidade na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). E-mail: laura.heck@hotmail.com

²Jornalista e Mestrando do Programa de Pós-Graduação ICAL na UNILA. Estudante da Especialização de Relações Internacionais Contemporâneas na mesma Universidade. E-mail: domingos.jzufma@gmail.com

³Cineasta e acadêmica especial do ICAL na UNILA. Estudante da Especialização de Relações Internacionais Contemporâneas na mesma universidade. E-mail: julieandrea6@hotmail.com

⁴Internacionalista e Mestranda do Programa de Pós-Graduação ICAL na UNILA. Estudante da Especialização de Relações Internacionais Contemporâneas na mesma Universidade. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Política Externa Latino-americana (NUPELA). E-mail: karen2_bp@hotmail.com.

Crimeia (Ucrânia) pela Rússia em 2014. Considerando esse, um acontecimento marcante nas Relações Internacionais, uma vez que se tem novamente, depois de mais de 20 anos, os protagonistas da Guerra Fria (EUA e Rússia) na linha de frente e em lados opostos de um conflito.

A TeleSur, é uma cadeia de televisão multiestatal latino-americana, de vocação social orientado a liderar e promover os processos de união dos povos do Sul, tem a sede central em Caracas-Venezuela. Este meio de comunicação sai ao ar pela primeira vez desde o Teatro Teresa Carreño de Caracas-Venezuela no ano 2005. Para concretização do objetivo, o artigo está dividido em três partes, na primeira realizamos uma breve historiografia sobre o surgimento e os objetivos da OTAN, até chegar na atuação dessa na crise da Ucrânia em 2014.

Na segunda parte, apresentamos a discussão teórica entre a abordagem realista e a teoria do poder das Relações Internacionais, com o fim de problematizar a atuação da OTAN no Sistema Internacional, a partir da crise ucraniana. E por fim, na última parte, se realiza um análises documental e de discurso da TeleSur, com a finalidade de observar como este meio planteia a atuação da OTAN na crise vivida na Ucrânia.

A OTAN e a crise da Ucrânia

Para abordar a atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), na crise da Ucrânia, mais especificamente no movimento de anexação da província da Crimeia (Ucrânia) pela Rússia em 2014, apresentamos o contexto histórico no qual a organização foi instituída no cenário das Relações Internacionais. Dessa forma, contextualizamos a gênese da OTAN no contexto mundial, perpassando por seu surgimento e características, bem como, descreveremos o seu novo perfil no período Pós-Guerra Fria, devido à reformulação de seus objetivos e Conceito Estratégico.

A complexidade do contexto político internacional durante o século XX, especificamente, no pós-Segunda Guerra, com a bipolaridade mundial que originou a Guerra Fria, fez surgir a OTAN em 1949, quando o Estados Unidos visa estabelecer uma aliança em busca da paz entre o bloco de oposição a sua ideologia política, social e econômica, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Dessa maneira, a instituição surge para estabelecer a segurança europeia, isto é, resposta formulada pelos norte-americanos a ameaça representada pelo fortalecimento e expansão do bloco socialista no continente europeu (KISSINGER, 2015).

De acordo com Rodrigues e Pegado (2015), a criação da OTAN retrata “a face militar do Plano Marshall, política econômica adotada pelos Estados Unidos, que teve como objetivo reconstruir a Europa por meio do auxílio norte-americano”. Todavia, a proposta dos Estados Unidos em estabelecer uma

importante aliança militar entre os países do bloco capitalista, além de promover a paz, visava dissuadir o poder da União Soviética por meio da implementação do Tratado do Atlântico Norte.

Inicialmente, doze países aderiram à aliança proposta por meio do tratado do militar, sendo eles: Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Portugal, Holanda, Bélgica, Dinamarca, Islândia, Luxemburgo, Noruega e Reino Unido. Sendo o artigo 5º do referido tratado, fundamental para atender o objetivo firmado com essa aliança, ao estabelecer entre as partes o ataque armado mútuo enquanto assistência aos países membros em caso de ataque por parte da URSS.

A aliança militar estabelecida entre os países membros da OTAN tinha propósitos ademais à promoção da paz, da liberdade e da segurança internacional conforme manifesta na Carta da ONU, como dissuadir a expansão do bloco soviético, barrar o renascimento do militarismo na Europa e promover a integração política europeia (NATO, 2016).

Em resposta às investidas estadunidenses no continente europeu por meio desse acordo militar, os países soviéticos formularam o Pacto de Varsóvia em maio de 1955 (COSTA, 2006). Esse pacto representava uma aliança militar contrária à estabelecida no Tratado do Atlântico Norte, e unia os países do Leste Europeu e a Rússia, estabelecendo uma hegemonia militar de ajuda mútua em caso de ataque armado de outras nações, instituindo assim, laços de dependência econômica e militar entre os países membros do pacto.

Diante desse contexto, o período de Guerra Fria foi marcado pela proliferação de armas nucleares e a busca por demonstração de poder entre as duas superpotências. Para Buzan e Hanzen (2012), a Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 foi um dos eventos de manifestação da oposição ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética, uma vez que, representou-se como instrumento de dissuasão nuclear e forte ameaça a sobrevivência humana em função das armas nucleares caso **incidisse uma** guerra. Somente mais tarde, amplia-se os debates sobre a demanda pelo desarmamento nuclear no âmbito da segurança internacional.

A década de 1990 foi marcada pela extinção do Pacto de Varsóvia, decorrente da queda do bloco socialista, queda do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria. De acordo com Pereira e Alencar (2004), o ano de 1991 foi marcado por mudanças no continente europeu, a iniciar com declaração de independência da Ucrânia, seguida pela desintegração das Repúblicas percussoras da União Soviética – Rússia, Bielo-Rússia e Ucrânia – para instituírem a Comunidade dos Estados Independentes (CCEI).

No período pós-Guerra Fria, com o fim da possível ameaça soviética, coube à OTAN buscar novas demandas e desafios a fim de se fortalecer e continuar a intervir no âmbito das relações internacionais. Desse modo, fortalecida e com a zona de influência ampliada para os países do leste europeu, a organização reformula seus objetivos em relação a sua atuação no cenário mundial.

Diante disso, Costa (2006), enfatiza que o novo Conceito Estratégico da OTAN aprovado em 1999 pelos Estados membros reafirma os objetivos gerais de defesa comum e da visibilidade a novos desafios postos no contexto internacional, por meio da ampliação do conceito de segurança, vinculando a questões de violação de direitos, conflitos étnicos, instabilidade política e econômica, entre outros. A partir do novo perfil atribuído a instituição e a abertura ao diálogo com países não-membros, a OTAN passou a ser reconhecida enquanto organização fundamental para a garantia da paz e promoção da segurança na região dos países membros.

Cabe ressaltar que, com o fim do pacto de Varsóvia, em 1997 a Rússia assinou um acordo de cooperação com a OTAN, de modo que, posteriormente aos eventos de 2001 nos Estados Unidos, a Rússia passou a participar das reuniões através da OTAN-Rússia, onde o país tem poder de decisão nas ações direcionadas ao combate com o objetivo de entender e combater o terrorismo no mundo (CEDIN, 2016).

No tocante a crise da Ucrânia e ao movimento de anexação da Criméia pela Rússia em 2014, Costa (2015), revela que a integração da província à Federação Russa deu-se no auge de uma crise política na Ucrânia, marcada por conflitos internos e manifestações violentas por parte da população local que era contra a firmação de acordos entre o governo ucraniano e a Rússia.

Em novembro de 2013, o presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovich, eleito em 2010, e forte aliado do Cremlin, se recusou a assinar um acordo financeiro de US\$ 15 bilhões com a União Europeia, dando preferência a um acordo semelhante com a Rússia que incluía, também, redução no preço do gás importado pelo país. Por isso, Yanukovich passou a enfrentar forte resistência e hostilidade da oposição no parlamento, simpática ao ocidente, e uma onda de protestos da população que culminaram em violentas manifestações que tomaram as ruas e praças de Kiev. Após semanas de confrontos em que o governo mobilizou tropas e forças paramilitares para reprimir a multidão, finalmente o presidente acaba sendo destituído pelo parlamento em 23 de fevereiro de 2014.

Para Costa (2015), foi a partir desse Golpe de Estado que Moscou estimulou seus aliados na Ucrânia, especialmente os do sul e do leste do país onde vivem por volta de sete milhões de russo-falantes, para que contestassem ao novo governo interino. Sob a justificativa de proteger os “cidadãos russos” da Ucrânia, o Parlamento russo aprovou lei específica autorizando o governo a adotar medidas, incluindo eventual intervenção militar no país vizinho.

Essa escalada de conflitos deu início a um forte movimento separatista pró-Rússia, marcado por vários episódios. O primeiro deles é a derrubada do prefeito de Sebastopol, na Criméia, seguido da tomada da capital da província, Simferopol, posteriormente o parlamento crimeio anunciou sua independência de Kiev, convocando um referendo que decidiu pela anexação da Região à Federação Russa, consolidada no dia 18 de março de 2014.

A Ucrânia, ao longo da história, esteve no centro desse jogo de influências EUA/Rússia e isso teve impactos direto na política interna do país, pressionando seus governos especialmente nas questões internacionais e polarizando-o fortemente na ação dos partidos, do parlamento e nas preferências eleitorais da população.

A OTAN no Sistema Internacional

De acordo com as reflexões apresentadas por Buzan e Hanzen (2012), pode-se dizer que com a finalidade de cercar a União Soviética e evitar, principalmente, sua expansão, os Estados Unidos formula uma estratégia com o objetivo de fortalecer sua hegemonia dentro do Sistema Internacional. E, para isso, necessitou, em primeiro lugar, aumentar seus aliados, por meio da assinatura de criação da OTAN. No entanto, dentro da responsabilidade assumida pelo EUA de defender a Europa Ocidental, existiam grandes interesses do mesmo, como, por exemplo, a legitimação de sua intervenção na Iugoslávia e na Líbia, convertendo-os em territórios instáveis para poder alcançar e ocupar a esfera de influência.

Assim como menciona Sarfati (2005) e Sanchez (2003), as alianças, como é o caso da OTAN, tem sido raramente portadora de segurança, se existem preparações por parte de um grupo para participar na guerra, estes extraordinariamente não aportarão ao Sistema Internacional com uma atuação de segurança. A OTAN, considerada a aliança militar mais poderosa do planeta, é uma ferramenta utilizada pelo Estados Unidos para dividir e manter subordinada a Europa. Dessa maneira, Washington, após o acontecimento de 11 de setembro de 2001, realizou programas de combate ao terrorismo, conhecidos como um “grande plano” para a execução de uma agenda geoestratégica no Sistema Internacional, onde por detrás está a OTAN, como organismo legitimadora de tais ações.

No processo de gestão do poder como meio de controle e domínio, observa-se a redução da soberania do Estado nacional em razão da obediência, subserviência ou respeito ao país que executa o fluxo majoritário na relação de poder. Poder é uma forma de mitigação da liberdade da soberania estatal. Há, portanto, uma forma de violação consentida pelo ator internacional que sofre, diretamente, o fluxo de poder, de influência e de pressões (CASTRO, 2012: 171).

De acordo com Castro (2012), a intervenção dos Estados Unidos no Iraque depois de março de 2003, expôs o exercício militar como autodefesa antecipada e como uma guerra preventiva como forma de aumentar o controle e o domínio dos ativos disponíveis no território, como, por exemplo, o petróleo, o que se pode traduzir a uma forma de manipular a intervenção, como meio de obter o domínio e o controle através da Aliança Atlântica.

Segundo Sanchez (2000), o Estados Unidos, avançaram na projeção do poder nacional através do processo de expansão da OTAN, onde, por um lado, conseguiram uma aproximação militar da Rússia

com a incorporação de novos países da Europa Oriental na aliança, enquanto que por outro lado, se encarregaram de formalizar a extraterritorialidade das funções da OTAN, com o fim de passar de uma aliança defensiva para uma “*gendarme mundial*”. A expansão da organização se pode ver como um programa estatal destinado a incentivar o complexo militar-industrial do Estados Unidos.

Por outro lado, a teoria Realista, tem premissas comuns em grande parte das perspectivas de seus expoentes. “Essas premissas são a centralidade do *Estado*, que tem por objetivo central sua *sobrevivência*, a função do *poder* para garantir essa sobrevivência, seja de maneira independente [...] seja por meio de alianças, e a resultante *anarquia* internacional” (NOGUEIRA & MESSARI, 2005, p. 23).

O Estado, para os realistas é o ator central das relações internacionais, segundo os Nogueira e Messari (2005), esse tem duas funções estabelecidas, manter a paz dentro das suas fronteiras, “a estabilidade doméstica”, e a segurança dos seus cidadãos em relação a agressões externas. No Sistema Internacional o Estado é considerado como um ator unitário e racional, porém, “age de maneira uniforme, homogênea e em defesa do *interesse nacional*” (NOGUEIRA & MESSARI, 2005, p. 25) e sua complexidade não é levada em consideração. A racionalidade se expressa na medida em que o Estado defende o interesse nacional no âmbito internacional, então, tudo o que faz no âmbito internacional é por interesses próprio. Assim, atua de forma egoísta porque tem medo das reações dos demais Estados.

Continuando nessa perspectiva, se apresenta um conceito que é chave para os Realistas, a Anarquia que se entende como a

Ausência de uma autoridade suprema, legítima e indiscutível que possa ditar as regras, interpretá-las, implementá-las e castigar quem não as obedece. Em oposição ao que ocorre no plano doméstico, os realistas consideram que não existe nas relações internacionais um único soberano que tenha o monopólio do uso legítimo da força (NOGUEIRA & MESSARI, 2005, p. 26).

Porém, o Sistema Internacional está composto por uma diversidade de atores simultâneos que lutam por sua sobrevivência permanentemente e tem desconfiança entre si, além disso, os autores nos apresenta que há anarquia, mas também existe cooperação nas Relações Internacionais, propondo a perspectiva de Jervis que diz:

O jogo do *stag hunt* é o seguinte: dois caçadores saem para caçar. Têm duas opções: cooperarem juntos e caçar um veado, um grande animal que pode render muito, ou não cooperarem juntos e cada um caçar um coelho, um animal menor. Cooperar tem um custo e pode ser difícil, mas o ganho pode ser muito maior (NOGUEIRA & MESSARI, 2005, p. 27)

Conforme essa proposição, podemos fazer uma associação ao contexto internacional envolvendo a OTAN e a Rússia. Temos vários países (caçadores) cooperando entre si, na sustentação da Organização, cujo objetivo foi conter a União Soviética e agora é a Rússia (veado), já que ela “foi delimitada pela

preocupação estadunidense com o futuro da Europa. Por muito tempo, o objetivo da entidade foi o de ‘manter os russos fora, os alemães no chão, e os americanos dentro’ (ALVES DE SOUZA PAES, 2007, p. 2).

Para a teoria Realista, o poder jamais estará distribuído de maneira equitativa, sempre existirá um Estado mais forte submetendo os mais fracos aos seus caprichos, porém, a diplomacia será quem procurará estabelecer o equilíbrio de poder, isso significa que, nenhuma potência sozinha terá a capacidade de dominar o Sistema Internacional completamente.

Análise das notícias

O levantamento de dados desta pesquisa compreende 31 matérias sobre a atuação da OTAN na crise ucraniana, veiculadas pelo site da emissora de TV latino-americana, teleSUR, durante o ano de 2014, período estabelecido para a coleta de dados da investigação. Desse quantitativo de matérias, do gênero notícia, utilizamos 09 para efetuar a análise do discurso, que foram veiculadas no primeiro semestre do ano supracitado. Considerando que esse período corresponde ao pré, durante e pós o movimento de anexação da Crimeia à Rússia.

Quadro 01 – Lista das matérias da página *web* da TV teleSUR, veiculadas em 2014, que compõem o *corpus* do estudo

Ordem	ata	Veículo	Título
01	2/03/2014	http://www.telesurtv.net/	OTAN: <i>Ucrania debe "respetar los derechos de todas las poblaciones"</i>
02	2/03/2014	http://www.telesurtv.net/	OTAN <i>llama a enviar observadores internacionales a Ucrania</i>
03	3/03/2014	http://www.telesurtv.net/	OTAN <i>convocó a reunión de emergencia por situación en Ucrania</i>
04	2/03/2014	http://www.telesurtv.net/	Francia <i>enviará aviones de combate a bases de la OTAN cercanas a Crimea</i>
05	2/03/2014	http://www.telesurtv.net/	Rusia <i>no necesita el permiso de la OTAN para apoyar a Crimea</i>
06	1/04/2014	http://www.telesurtv.net/	OTAN <i>suspende prácticas civiles y militares conjuntas con Rusia</i>
07	2/04/2014	http://www.telesurtv.net/	<i>Los instintos de la Guerra Fría se despiertan en la OTAN</i>
08	6/04/2014	http://www.telesurtv.net/	OTAN <i>desplegará recursos por tierra, mar y aire por crisis en Ucrania</i>
09	09/05/2014	http://www.telesurtv.net/	Rusia <i>alerta ante movimiento de tropas ucranianas y de la OTAN</i>

Adota-se como metodologia a Análise do Discurso (AD) de vertente francesa, com o intuito de identificar a “temática” que mais se fez presente no noticiário *web* da emissora de TV teleSUR, no primeiro semestre de 2014, no que diz respeito a crise da Ucrânia, com ênfase a anexação da Crimeia à Rússia. Sendo a temática mais recorrente: **Poderio Russo**. Para tanto, realiza-se análise e interpretação dos

discursos presentes no conteúdo do material veiculado, extraindo os apontamentos da rede de comunicação que sustentam essa temática.

Para iniciar esta análise, faz-se necessário entender, conforme elucidada a Teoria Construcionista, que a notícia é um produto “fabricado”, a partir da convergência de um conjunto de forças - ação pessoal, ação social e ação cultural – que determinam o que e como algo será noticiado. Fatores históricos e os meios físicos e tecnológicos (como e onde será veiculada a notícia) também incidem sobre a produção. E isso explica o porquê das notícias que temos e por que elas são como são (SOUSA, 2002).

Poderio Russo

Com o fim da União Soviética muito se discutiu sobre a postura que a Rússia, principal país do bloco socialista, iria tomar na ordem internacional. Enfraquecida político e militarmente, parecia que a única saída seria se alinhar aos vencedores da Guerra Fria. Entretanto, isso não aconteceu e o país jamais adotou uma postura subserviente em relação aos demais polos de poder. E continuamente vem desafiando o sistema internacional colocando em cheque a postura segregacionista adotada pelos países ocidentais.

A crise da Ucrânia e os seus desdobramentos trouxe ao cenário internacional, uma Rússia destemida que, mesmo com as sanções, ameaças, inclusive com mobilização militar em seu contra, não a inibiu de tomar as medidas que entendesse necessárias. Uma dessas medidas foi a anexação do território independente da Ucrânia, Crimeia, atitude desaprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e duramente criticada pela OTAN, braço militar do EUA na Europa.

Conforme é destacado na cobertura da teleSUR, o Secretário-Geral da OTAN, o norueguês Anders Fogh Rasmussen, acusa a Rússia de ameaçar a paz e a segurança da Europa, ao realizar atividades militares em território ucraniano e fornecer ajuda à população da Crimeia. E a própria teleSUR questiona a moralidade da OTAN em acusar o Cremlin de ingerência na Ucrânia, destacando que essa é uma “*organizaci3n que en los 3ltimos a3os ha tenido intervenciones armadas y ha causado miles de muertos en pa3ses como Libia*” (M – 01), lembrando o episódio líbio, em que o ditador Muammar al-Gaddafi foi deposto e assassinado com apoio dessa organização militar.

Outro destaque que a teleSUR traz é o de que a OTAN se dispõe a dialogar com a Rússia, no sentido de solucionar o conflito da Ucrânia de forma pacífica. Discursivamente, a emissora mostra que há certo respeito do organismo militar para com o País euroasiático, reconhecendo o poder do qual dispõe e que não pode ser enfrentado militarmente, como no caso da Líbia ou do Irã. Para a TV, a Rússia recebe um tratamento diferenciado.

[Rasmussen] exhortó el domingo al Gobierno de Moscú (capital rusa) y Ucrania a que busquen una "solución pacífica" a la crisis a través del diálogo. "Hacemos hincapié en la importancia de un proceso político incluyente en Ucrania sobre la base de los valores democráticos, el respeto de los derechos humanos, las minorías y el Estado de Derecho". Subrayó además que la Alianza Atlántica busca dialogar con Rusia a través de su instrumento de cooperación, el Consejo Otan-Rusia (M – 2).

A cobertura da TV ressalta que Vladimir Putin recebeu apoio de vários outros Chefes de Estado por sua decisão de autorizar o envio de contingentes militares para garantir os direitos humanos da população ucraniana, mas não elenca quem são esses apoiadores. Reforça também, que essa medida foi aplaudida pelo chanceler russo, Serguei Lavrov, “*quien repudió la posición de las potencias occidentales al querer parecer “salvadores”, cuando saben que causaron la crisis en Ucrania (M – 3).*

Nesse ponto, a teleSUR ecoa uma retórica que foi muito utilizada pelo ex-presidente ucraniano Víktor Yanukóvytch, que atribuiu à CIA a responsabilidade pelas mobilizações que levaram a sua deposição e, conseqüentemente, a toda a crise que desestabilizou a Ucrânia. Nesse sentido, constata-se que Lavrov faz uma acusação direta aos Estados Unidos e aproveita para criticar os países ocidentais, que militarmente se sustentam no poderio norte-americano, não só os responsabilizando pelo conflito, mas afirmando que são incapazes de solucioná-lo.

Para assegurar esse poder do qual a Rússia dispõe na conjuntura geopolítica mundial, a teleSUR se vale dos discursos dos agentes do Estado russo, que reforçam o protagonismo do país diante do conflito e legitimam o discurso da emissora que credita ao país a condição de superpotência, com poder de enfrentar as pressões internacionais. Essa proposição fica evidente quando a TV destaca a respostas da Rússia às investidas da OTAN e da União Europeia, no que concerne a sua atuação em prol da Crimeia.

El representante permanente de Rusia ante la Organización del Tratado del Atlántico Norte (OTAN), Alexándér Grushkó, afirmó que Rusia no necesita el permiso de la OTAN o de la Unión Europea para actuar de conformidad con el derecho internacional. El diplomático ruso explica que el referéndum en Crimea fue absolutamente legítimo. "Creo que la alianza, que se considera una agrupación de Estados democráticos, debe reconocer este hecho y respetar la elección democrática del pueblo de Crimea" (M – 5).

Nesse trecho, a teleSUR realça a postura da Rússia que, para justificar suas ações no movimento de anexação da Crimeia, lança mão das mesmas premissas discursivas utilizadas pelas instituições que a acusa de desrespeitar a soberania ucraniana e os princípios democráticos. Ao afirmar que o desejo dos crimeios de fazerem parte da federação Russa, expresso em referendo, está em “*conformidad con el derecho internacional*” e que um grupo de Estados democráticos, a OTAN e a União Europeia, devem reconhecer e respeitar a decisão democrática do povo da Crimeia, os russos buscam deslegitimar os argumentos contrários.

A forma que a cobertura da teleSUR encontrou para sustentar o poderio russo diante do ocidente ganha mais significância quando evidencia que o presidente Vladimir Putin assinou a lei de anexação da Crimeia. Afrontando e desconsiderando todos os argumentos e ameaças vindos do ocidente, contrários a essa ação. A OTAN, por exemplo, suspendeu a cooperação militar e civil que tinha com a Rússia e, conforme apresenta a emissora de TV, teve sua ação ignorada: *“por su parte, el viceprimer ministro ruso Dimitri Rogozin se burló de la decisión. “La última vez (en 2008) congelaron las relaciones durante tres meses y en diciembre ya se habían descongelado”, dijo en un mensaje en Twitter”* (M – 7).

Há, por parte da emissora, uma preocupação em assegurar a legitimidade desse processo de anexação, ao frisar os trâmites legais pelos quais passou.

El presidente ruso, Vladímir Putin, firmó el viernes la ley sobre la reunificación de la República de Crimea y de la ciudad de Sebastopol con la Federación de Rusia. El documento fue aprobado siguiendo los dictados de los resultados del referéndum popular celebrado en la península el pasado 16 de marzo, en el que más del 96 por ciento de la población apoyó su salida de Ucrania a favor de la incorporación a Rusia (M – 5).

Com essas informações, alegando que se trata de um processo democrático em que a vontade popular prevaleceu, a teleSUR legitima a anexação da Crimeia à Rússia, e tira desse país qualquer responsabilidade por uma possível agressão à soberania territorial ucraniana. E à OTAN, restou apenas o papel de repensar sua forma de atuação, para defender “melhor” seus aliados. *“Nuestros planes de defensa serán revisados y fortalecidos”, dijo el secretario general de la organización, quien agregó que la principal tarea de la OTAN consiste en “defender a nuestros aliados”, sin aclarar de qué necesitan ser defendidos* (M – 8).

Aqui, nota-se que a teleSUR retira a Rússia da posição de ameaça ao ocidente, ao completar que a OTAN não esclarece de quem os países aliados da organização precisam ser defendidos, nesse momento de revisão e fortalecimento dos planos de defesa da aliança militar. Embora diante desse contexto político em que esse país é apontado como algoz, não resta dúvidas de que ele é a ameaça.

Considerações Finais

A partir da análise feita sobre atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) diante da crise ucraniana, chegamos a conclusão de que o interesse desse organismo em pôr fim, de fato, ao conflito era secundário, estava mais empenhado em defender os interesses dos países que a compõe. A organização atuou para intimidar e limitar as ações da Rússia, e impedir que essa anexasse a Crimeia, cumprindo muito bem com a função para a qual foi criada durante a Guerra Fria, onde tinha como finalidade específica, impedir a expansão da União Soviética.

A OTAN é uma organização sobrevivente desse período da história, e permaneceu ao longo das muitas mudanças políticas e transformações no panorama internacional, se adaptando aos novos contextos políticos e estratégicos, mas que talvez nunca havia calculado que em pleno século XXI seria confrontada por uma Rússia reformulada e disposta a enfrentar em pé de igualdade seus opositores. O que se tem, em termos, é uma reprise de 1962 com a crise dos mísseis em Cuba, mas claro, tomadas as devidas proporções e circunstâncias.

Atualmente, por se comprometer com muitas causas, a OTAN tem muitas controvérsias entre o que diz os seus objetivos e o que de fato ela faz. E foi exatamente esse um dos precedentes utilizado pela Rússia para confrontar o discurso “conciliador” e “democrático” da entidade, uma das que mais provocou instabilidade política no mundo nos últimos tempos. Portanto, finalizamos destacando que, na Guerra Fria o bloco capitalista saiu vencedor, mas nesse caso específico, foi a Rússia quem saiu bem-sucedida.

REFERÊNCIAS

ALVES DE SOUZA PAES, Diego. Ucrânia e Geórgia se aproximam da OTAN. **Conjuntura Internacional**, Minas , março 2007.

BARBÉ, Esther. **Relaciones Internacionales**. Madrid: TECNOS, 1995.

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. **A Evolução dos Estudos de Segurança Internacional**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Brasília: FUNAG, 2012.

COSTA, Wanderley Messias da. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial. In: *Confins* [Revista Eletrônica]. 2015.

CEDIN, Centro de Direito Internacional. Esclarecendo: Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Disponível em: <<http://www.cedin.com.br/esclarecendo-organizacao-do-tratado-do-atlantico-norte-otan/>>. Acesso em: 15 de Julho de 2016.

COSTA, Rogério Santos da. Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): histórico, características, objetivos, funcionamento e influência na segurança coletiva. In: **Relações Internacionais no Mundo Atual**. Curitiba, 2006.

KISSINGER, Henry A. **Ordem mundial** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

NATO, North Atlantic Treaty Organization. O Tratado do Atlântico Norte. Disponível em: <http://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm>. Acesso em: 15 de Julho de 2016.

_____, North Atlantic Treaty Organization. Uma breve história da NATO. Disponível em: <<http://www.nato.int/history/nato-history.html>>. Acesso em: 15 de Julho de 2016.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PEREIRA, Roberta D.; ALENCAR, Dimas M. A criação da Otan e sua permanência no período pós-Guerra Fria. **In: Fronteira**. Belo Horizonte, 2004.

RODRIGUES, Clara G. D.; PEGADO, Natália E. da Cunha. A mudança do papel da OTAN no Pós-Guerra Fria: um estudo sobre a força internacional de assistência para segurança (ISAF). **In: XX Seminário de Pesquisa do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA)**. Rio Grande do Norte, 2015.

SÁNCHEZ, Antonio. **Geopolítica de la expansión de la OTAN**. Madrid: Editorial Plaza y Valdés, 2003.

SARFATI, Gilberto. **Teoria das Relações Internacionais**. Ed. Saraiva, São Paulo: 2005.

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, Porto, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2015.

TELESUR. **OTAN: Ucrania debe "respetar los derechos de todas las poblaciones"**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/OTANUcraniadebererespetarlosderechosdetodaslaspoblaciones201403020039.html?cache=1468900151466>. Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **OTAN llama a enviar observadores internacionales a Ucrania**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/OTANllamaaenviarobservadoresinternacionalesaUcrania201403020008.html> Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **OTAN convocó a reunión de emergencia por situación en Ucrania**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/OTANconvocoareuniondeemergenciaporsituacionenUcrania201403030017.html> Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **Francia enviará aviones de combate a bases de la OTAN cercanas a Crimea**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/Franciaenviaraavionesdecombatebasesde-la-OTANcercanas-a-Crimea201403220012.html> Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **Rusia no necesita el permiso de la OTAN para apoyar a Crimea**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/RusianonecesitaelpermisodelaOTANparaapoyaraCrimea201403220044.html> Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **OTAN suspende prácticas civiles y militares conjuntas con Rusia**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/OTANsuspendepracticascivilymilitaresconjuntasconRusia201404010032.html>. Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **Los instintos de la Guerra Fría se despiertan en la OTAN**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/LosinstintosdelaGuerraFriadespiertanenlaOTAN201404020046.html>. Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **OTAN desplegará recursos por tierra, mar y aire por crisis en Ucrania**. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/news/OTANdesplegararecursosportierramaryairepor>



crisisenUcrania201404160041.html. Acessado em 05 de jul 2016.

TELESUR. **Rusia alerta ante movimiento de tropas ucranianas y de la OTAN.** Disponível em:
<http://www.telesurtv.net/news/RusiaalertaantemovimientodetropasucranianasydelaOTAN201405090052.html>. Acessado em 05 de jul 2016.